


## QUANDO O MEIO AMBIENTE DESÁGUA NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

 <https://doi.org/10.56238/arev6n2-111>

Data de submissão: 11/09/2024

Data de publicação: 11/10/2024

**Lais Rodrigues dos Santos**

Graduada em Letras Português e Inglês e suas respectivas literaturas pela UPE – Campus Mata Norte  
Participou do Programa de Residência Pedagógica como bolsista da CAPES  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-5325-6151>  
E-mail: [lais.rsantos@upe.br](mailto:lais.rsantos@upe.br)

**Josivaldo Custódio da Silva**

Professor Associado da UPE  
Ministra aulas de Literatura Brasileira e de Literatura Popular nos Cursos de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) da UPE – Campus Mata Norte, Nazaré da Mata-PE, Brasil, 55.800-000, membro dos Grupos de Pesquisa CELLUPE e GRUPEFLLL  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7187-5697>  
E-mail: [josivaldo.silva@upe.br](mailto:josivaldo.silva@upe.br)

### RESUMO

De acordo com uma abordagem ecocrítica, este trabalho tem como objetivo principal dispor de uma análise do romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior (2019). Além disso, possui como objetivos específicos: discutir os pressupostos teóricos da ecocrítica; entrelaçar os elementos naturais de *Torto Arado* com as posturas abordadas por Garrard (2006), Gifford (2009), Hanazaki et al (2013), Capra (2008) e outros críticos, relacionando ecologia e literatura; aprofundar a discussão da relação entre a figura da mulher e a natureza a partir das três fortes vozes femininas na obra: Bibiana, Belonísia e a entidade da Santa Rita Pescadeira; e, por fim, contribuir para uma melhor percepção crítica de textos literários de autores contemporâneos que possam promover o estudo de literatura e sua relação com o meio ambiente. Quanto à metodologia, a pesquisa é de caráter qualitativo e abordagem interpretativa, com uma natureza básica e objetivo descritivo que será desenvolvido a partir da leitura do romance central. O estudo, dessa maneira, foi projetado em cima de uma literatura que tem pensado sobre os impactos ambientais e quais as consequências que se perpetuarão para o futuro, assim como provoca o leitor a pensar que tipo de vínculo se tem estabelecido com a natureza e as discussões para as possíveis mudanças. Portanto, a prosa poética de Itamar faz um resgate às práticas ancestrais que remontam uma relação de respeito com a natureza e amplia as discussões de possibilidade dentro do texto literário no que tange à proximidade com os aspectos femininos, regionais, históricos, sociais, políticos, geográficos e religiosos.

**Palavras-chave:** Literatura, *Torto Arado*, Vozes femininas, Natureza, Ecocrítica.

### 1 INTRODUÇÃO

O estudo acerca da obra do soteropolitano Itamar Vieira Junior ainda é um campo literário a ser desbravado. Aqui, a pesquisa sobre o romance *Torto Arado* (2019) mostra-se pioneira ao se apoiar na teoria da Ecocrítica, que possui como um de seus objetivos a discussão sobre a relação do homem e o meio ambiente no discurso literário, segundo Garrard (2006). O romance foi publicado

originalmente em Portugal (2018), onde ganhou o Prêmio Leya<sup>1</sup>, e posteriormente chegou ao Brasil pela Editora Todavia, com a qual foi vencedor dos prêmios Jabuti<sup>2</sup> (2020) e Oceanos<sup>3</sup> (2020).

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar o romance *Torto Arado* sob a ótica da teoria da Ecocrítica. Os objetivos específicos são: discutir os pressupostos teóricos da ecocrítica; entrelaçar os elementos naturais de *Torto Arado* com as posturas abordadas por Garrard (2006), Capra (2008) e outros críticos, relacionando ecologia e literatura; aprofundar a discussão da relação entre a figura da mulher e a natureza a partir das três fortes vozes femininas na obra: Bibiana, Belonísia e a entidade da Santa Rita Pescadeira; e, por fim, contribuir para uma melhor percepção crítica de textos literários de autores contemporâneos que possam promover o estudo de literatura e sua relação com o meio ambiente.

A pesquisa, de caráter bibliográfico, abordagem qualitativa, natureza básica e com objetivo explicativo foi desenvolvida a partir da leitura da obra *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, que constitui o corpus para desenvolvimento da investigação. Depois foi realizado um levantamento bibliográfico crítico e teórico complementar acerca da teoria da Ecocrítica (GARRARD, 2006) e da obra literária citada, para em seguida começarmos a análise dos aspectos ecocríticos presentes no livro.

O romance *Torto Arado* dispõe de alusões ao espaço natural nordestino, principalmente do sertão, trazendo uma grande contribuição para os estudos sob a ótica da Ecocrítica. É perceptível que os acontecimentos comuns do meio ambiente no qual ele está inserido lhe possibilitam inspiração constante, pois percebemos que o romancista, que também é geógrafo, busca no espaço natural a representação dos seus sentimentos através de uma narrativa também telúrica.

Partindo desse pressuposto, é perceptível que a obra de Vieira Junior traz características e descrições do espaço no ambiente sertanejo, destacando elementos como a vegetação local, os riachos, o vento, as árvores, a seca, a terra, o Sol, a água, o elo com o homem e tudo o que constitui uma relação ecocrítica. Além disso, observamos também que a abordagem da religião e do sincretismo, representativos da região onde se passa o romance, também contribui de forma significativa para as questões que serão levantadas pela pesquisa.

Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores fruidores (BRASIL, 2018, p. 156).

<sup>1</sup> Premiação anual lusitana de grande prestígio na literatura que visa estimular a produção de obras inéditas de autores de língua portuguesa.

<sup>2</sup> Um importante prêmio literário, concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL).

<sup>3</sup> Tradicional prêmio literário de grande relevância entre os autores de língua portuguesa.

Por fim, conforme evidencia-se na citação acima, esperamos que esse estudo seja uma ponte entre a literatura e a ecologia, sendo esses os principais pilares a serem entrelaçados, e que possamos contribuir com as possibilidades de ensino literário, levando o leitor a expandir suas habilidades de interpretação, assim como ampliar o seu repertório sociocultural e o seu senso crítico frente às diversas temáticas presentes na obra.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

De um ponto de vista etimológico, a Ecocrítica nasceu da união das palavras ecologia e crítica e dá origem à teoria que discute a relação entre literatura e natureza. É uma abordagem que deixa de ser homocêntrica e passa a ser ecocêntrica, ou seja, privilegia o lugar exterior e a forma com a qual ele influencia a visão do leitor sob o texto, isto é, a mutualidade entre a literatura e o ambiente físico. Dessa maneira, a interdisciplinaridade entre os temas, o questionamento entre as ideologias dominantes e a crítica ao antropocentrismo são alguns dos fundamentos encontrados sob à luz dessa teoria. De acordo com Gifford (2009, p. 244):

A ecocrítica, enquanto movimento relativamente novo nos estudos culturais, tem estado extraordinariamente livre de crítica teórica interna. Tem havido debates sobre ênfases e lacunas, mas isso não desafiou ou diretamente as posições de quem originou o movimento. Ao contrário, esses debates apontam para novas direções para a pesquisa em campos variados: ecofeminismo, textos tóxicos, natureza urbana, darwinismo, literaturas étnicas, justiça ambiental e ambientes virtuais, por exemplo.

Ademais, a Ecocrítica surgiu na década de 90, proveniente da necessidade de conscientização ambiental ao chamar atenção para a preservação e manutenção do espaço natural. Teóricos como Cherryll Glotfelty (1996), Jonathan Bate (1991) e Greg Garrad (2006), sendo este último a nossa base principal para o estudo, foram alguns dos pioneiros que tiveram uma grande contribuição no desenvolvimento dessa teoria. Assim, ela essencialmente discute não só a relação entre natureza e cultura, como também sua construção e reconstrução através da percepção humana, como podemos perceber no romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior (2019). Dessa maneira, a narrativa mostra, de forma poética, o desenvolvimento e o paralelismo entre dois âmbitos entrelaçados pela ecocrítica: o social e o natural, tais quais podem ser vistos sob a perspectiva das duas personagens principais que vivem em uma situação análoga à escravidão no sertão baiano. Respectivamente, observamos que enquanto Bibiana é mais inclinada para questões culturais, políticas e sociais, sua irmã, Belonísia, é intrinsecamente ligada à natureza, à agricultura, à religião e aos seus elementos constituintes.

De acordo com Glotfelty (1996),

O que é ecocrítica então? Dito em termos simples, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrados na terra. (GLOTFELTY, 1996, apud GARRARD, 2006, p. 14).

Notamos que a ecocrítica se debruça em analisar os discursos dos textos, no nosso caso, literários, nos quais há uma relação direta ou indireta do homem com o meio ambiente, implicando diálogos que mostrem o quanto a natureza é manipulada, poluída, preservada, referenciada como fonte de vida ou até mesmo como personagem dentro da obra.

Dessa forma, segundo Richard Kerridge (1998), que corrobora a visão de Cheryll Glotfelty, o ecocrítico

[...] almeja rastrear as ideias e as representações ambientalistas onde quer que elas apareçam, enxergar com mais clareza um debate que parece vir ocorrendo, amiúde parcialmente encoberto, em inúmeros espaços culturais. Mais do que tudo, a ecocrítica procura avaliar os textos e as ideias em termos de sua coerência e utilidade como respostas à crise ambiental.

Além disso, para outros teóricos como Oliveira e Almeida (2012, p. 429):

A ecocrítica, declara-se como uma vertente teórica que reluz o possível encontro do homem com o meio ambiente, através do perceber literário; enfatizando o comportamento do homem, dando um novo prisma sobre a sustentabilidade, a preservação do ecossistema e sobretudo das atitudes humanas em seu espaço.

Ou seja, trata-se de uma análise literária centrada na correlação do homem com o meio natural e das atitudes do sujeito perante à natureza, evidenciando suas escolhas e intempéries. Não somente, essa correlação pode ser estendida, como percebe-se na próxima citação, pela presença da interdisciplinaridade que é abordada pelos teóricos da ecocrítica, trazendo uma perspectiva ainda mais ampla, pois é um assunto que toca não só o literário, como também o político, social, econômico, histórico e o geográfico.

De acordo com Hanazaki et al (2013, p. 15):

Uma definição bastante aceita atualmente é utilizada por Charles J. Krebs, que define a Ecologia como o estudo científico das interações que determinam a distribuição e a abundância dos organismos.

O ambiente de um organismo é composto não apenas pelas plantas e animais com os quais ele interage diretamente ou indiretamente, mas também por processos puramente físicos e por substâncias inorgânicas. As flutuações diárias de temperatura e as concentrações de oxigênio e dióxido de carbono também fazem parte do ambiente.

Um tema importante na Ecologia é a complementaridade entre duas visões, a primeira influenciada pelas definições de Odum e com uma abordagem Holística ou Sistêmica; e a

segunda influenciada pela definição de Charles Krebs e com uma abordagem Evolutiva, na qual as interações são a força motriz do sistema.

Logo, como vimos acima, discussões pertinentes à natureza, e, portanto, ao meio ambiente, são importantes e necessárias no contexto global, porém complexas e têm sido constantes nas últimas décadas, o que apontam para o fato de que muitas pessoas e instituições de diversas natureza vem se preocupando cada vez mais com o futuro do planeta Terra e as condições de vida para os seres que nele habitam. Essa inquietação acerca do que pode ser discutido deve ter ênfase principalmente no ambiente escolar, como nos adverte Fritjof Capra (2008, p. 25):

Ensinar esse saber ecológico, que também corresponde à sabedoria dos antigos, será o papel mais importante da educação do século 21. A alfabetização ecológica deve se tornar requisito essencial para políticos, empresários e profissionais de todos os ramos, e deveria ser uma preocupação central da educação em todos os níveis.

A arte, em todas as suas manifestações, é uma das formas de revelar traços desta preocupação (GARRARD, 2006). E sob esse olhar, a obra de Vieira Junior prova ser fulcral no entendimento da relação entre o homem, o imaginário feminino e a natureza, assim como a religião e o realismo fantástico em um conjunto de aspectos que refletem o Brasil desde o século XX até os dias atuais. A grande literatura, por sua vez, “pode ser um forte instrumento para a conscientização humana no tocante à preservação da natureza e conseqüentemente da espécie humana” (FEITOSA; SILVA, 2020, p. 19).

Portanto, no presente estudo, veremos como essa conexão complexa entre as ciências humanas e da natureza estabelece uma relação cheia de nuances que ora são benéficas e ora maléficas, fomentando na destruição de uma das partes.

### **3 ANÁLISE DO ROMANCE SOB O VIÉS DA ECOCRÍTICA**

De acordo com Garrard (2006), podemos definir a Ecocrítica como sendo "a relação entre a literatura e o ambiente físico" (GARRARD, 2006, p. 14), na qual se adota uma abordagem de estudos literários em contraste com a terra. Essa relação pode ser estabelecida de diversas maneiras e encontrada em diferentes elementos dentro da narrativa. No caso de Torto Arado, observamos essa conexão por meio da ligação dos personagens com a terra, o trabalho, a religião, a família e até mesmo a feminilidade.

A priori, a obra é dividida em 3 partes: Fio de Corte, Torto Arado e Rio de Sangue. Em cada divisão, conseguimos perceber uma nuance do ecocentrismo e como isso afeta a vida de cada personagem. A história é integrada em um contexto pós-colonial e ambientada na região da Chapada

Diamantina, no estado da Bahia, em uma fazenda que ainda carrega traços de escravidão, por volta da década de 70. Observamos, assim, a vida de personagens que estabelecem uma relação de mutualidade com a terra pela necessidade de sobrevivência, e é desta terra que é extraído o seu sustento, moradia e também cura.

### 3.1 ECOLOGIA E A CULTURA DA EXPLORAÇÃO

Na primeira parte, intitulada como Fio de Corte, somos apresentados à família que traz origem ao romance de Vieira Junior. Logo de início, presenciamos um dos eventos mais importantes da narrativa: o acidente que decepa a língua de Belonísia, em um dia comum, enquanto estava brincando com curiosidade segurando a faca amolada de sua avó Donana. A partir desse fato, somos introduzidos ao cenário rural e à conexão que a família possui não só com a religião, mas sobretudo com a terra, como mostra o trecho a seguir na voz de Bibiana, a irmã mais velha:

Minha mãe se muniu de colchas e toalhas que recobriam as camas e a mesa, para tentar estancar o sangue. Ela gritava para meu pai, que colhia com as mãos trêmulas ervas nos canteiros próximos à casa, impaciente, transmitindo seu desespero na voz, que se tornou mais aguda, além do olhar espantado. As ervas eram para ser usadas no caminho até o hospital, em rezas e encantos. [...] As folhas estavam guardadas nos bolsos de sua calça, talvez por vergonha de o apontarem com desdém como feiticeiro dentro daquele lugar que ele não conhecia (hospital). Foi o primeiro lugar em que vi mais gente branca que preta. E vi como as pessoas nos olhavam com curiosidade, mas sem se aproximar. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 17).

Conseguimos perceber, dessa forma, como os elementos da natureza – que fazem parte do sustento e da própria subsistência daqueles indivíduos – complementam-se com as práticas religiosas, sendo apresentadas como rezas e encantos advindos da religião do Jarê<sup>4</sup>. Sob esse ponto, destacam-se as considerações dos questionamentos formulados por Kerridge (1998) quando afirma que a Ecocrítica pode ser desenvolvida no âmbito dos estudos interdisciplinares, uma vez que busca "[...] rastrear as ideias e as representações ambientalistas onde quer que elas apareçam, enxergar com mais clareza um debate que parece vir ocorrendo, amiúde parcialmente encoberto, em inúmeros espaços culturais" (KERRIDGE, 1998, p. 5). É constituído, por conseguinte, um laço estreito entre o meio ambiente e as práticas culturais que cercam o cotidiano da família dos personagens principais do começo até o fim da obra, manifestando a natureza por meio de figuras como ervas, rios, barro, terra, plantas, flores, entidades e rituais, por exemplo.

Ademais, nos primeiros capítulos do livro, reconhecemos a simbiose que floresce entre as irmãs Bibiana e Belonísia, fortalecida pela desventura da perda da língua da irmã mais nova:

---

<sup>4</sup> Religião de matriz africana proveniente da região da Chapada Diamantina, que abarca diversos aspectos do Candomblé e que se soma também com referências do Catolicismo Rural, da Umbanda e do Espiritismo Kardecista.

Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos as rezas de nossos pais, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimentos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir sons que manifestavam o que precisávamos ser. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 24).

Essa relação demarca na obra duas facetas da figura feminina que são retratadas pelo autor: enquanto Bibiana entorna-se para o lado mais ativista à medida em que vai crescendo e ganhando uma consciência de si mesma e do mundo que a envolve, Belonísia inclina-se para os cuidados com a terra, para a vida doméstica e as heranças culturais e religiosas de seu povo. Sendo assim, por meio da narrativa de Bibiana, além de reconhecer a movimentação entre os membros da sua família, as práticas de cultura e a dinâmica de trabalho, conseguimos perceber os primeiros indícios de exploração que demarcava os moradores da fazenda de Água Negra, conforme a citação a seguir:

O gerente queria trazer gente que "trabalhe muito" e "que não tenha medo de trabalho", nas palavras de meu pai, "para dar seu suor na plantação". Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. Seria gente de estima, conhecida, afilhados do fazendeiro. Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 41).

Em seu livro, *Ecocrítica*, Garrard (2006) discorre sobre figuras sob as quais a natureza é representada, chamadas de tropos, sendo uma delas a Pastoral. Para ele, há algumas distinções que podem ser feitas a partir da tradição pastoril. A primeira é a que se relaciona com uma tradição literária especificamente e que se afina com a fuga da cidade para o refúgio no campo; a segunda é a que é pontuada pelo contraste implícito ou explícito em descrições do campo com a cidade por qualquer literatura; e, por último, um sentido pejorativo, no qual esse tropo “implica uma idealização da vida rural que obscurece as realidades do trabalho e das agruras do campo” (GARRARD, 2006, p. 54-5). Porém, ao contrário do que diz a última definição sobre a tradição pastoril, Vieira Junior contradiz essa realidade descrevendo cenas e situações dentro de sua obra em que a vivência rural é posta frente ao leitor com todas as suas dificuldades, impurezas e degradações. A vida no campo visivelmente, nesse cenário, é permeada de exploração. Notamos, assim, como as tradições provenientes da escravidão continuaram arrastando-se ao longo dos séculos, como podemos também conferir na passagem abaixo:

Eu e Belonísia ouvíamos a conversa das filhas de dona Carmeniuzza e dona Tonha. Elas falavam da visita dos patrões às roças da fazenda. Queriam saber se eles haviam chegado por aqui, se tinham levado as batatas do nosso quintal também. ‘Mas as batatas do nosso quintal não são deles’, alguém dizia, ‘eles plantam arroz e cana. Levam batatas, levam feijão e abóbora. Até folhas pra chá levam. E se as batatas colhidas estiverem pequenas fazem a gente cavoucar a terra para levar as maiores’. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 45).

A partir disso, o caráter de Bibiana vai ser moldado ao passo em que cresce e depara-se com a explorada situação em que vive. Ao conhecer e se apaixonar por Severo, seu primo, que também se rebela com sua realidade, começa a enxergar outras possibilidades de se viver para além das cercas da fazenda de Água Negra. Os dois personagens, então, fogem e ficam afastados por um tempo, na tentativa de ganhar a vida e estudar. Nesse ponto, destacamos as palavras de Carvalho (2012) que traz um estudo sobre a formação de sujeitos capazes de compreender e agir sobre o mundo. Antes de partir, a personagem ainda chega a questionar-se se aquela seria realmente a melhor decisão a ser tomada, mas a repetição dos abusos de poder a impulsionaram a deixar a vida que sempre conhecera e adentrar o inexplorado, como vemos a seguir:

Quando deixei a casa pela porta do quintal, no sereno da noite, não pude evitar de olhar para trás, por algumas vezes, enquanto seguia pela estrada ao encontro de Severo. Enumerava as coisas que levava comigo e tudo que deixava para trás. Quase desisti nesse exato momento, deixaria Severo partir sozinho, mas a imagem de Sutério levando nosso pouco suprimento, e a fome e o imprevisto que se seguiram para fazermos a refeição mais tarde, me deram a firmeza necessária para prosseguir. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 87).

Bibiana, então, inconformando-se e sendo tomada por um espírito de esperança, começa a atuar para que sua família possa ter uma vida digna, livre da exploração em sua terra, partindo para longe da propriedade de Água Negra e levando consigo alguns pertences, sendo um deles o seu maior tesouro: sua língua. Ao sair de casa, enfrenta dificuldades diferentes, dessa vez na cidade, mas consegue sobressai-las ao fazer o supletivo, formar-se no magistério e posteriormente filiar-se ao sindicato juntamente com o seu marido Severo, como relata Belonísia:

Bibiana esteve mais ativa ao lado do marido. Em meio à mobilização, eu ficava de bom grado com as crianças para que ela pudesse escrever, trabalhar, andar com Severo procurando ajuda na garupa da motocicleta que ele havia adquirido. Iam a sindicato, a reuniões. Voltavam, faziam mais reuniões, casa correram muitas. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 198)

Para Garrard, o movimento de inflexão cultural que Bibiana percorre é imprescindível para a ecocrítica, visto que:

Isso implicará estudos interdisciplinares que recorram às teorias literárias e culturais, à filosofia, à sociologia, à psicologia e à história ambiental, bem como à ecologia. O estudo da retórica fornece-nos o modelo de uma prática de leitura cultural ligada a interesses morais e políticos, bem como uma prática atenta às interpretações reais ou literais e às interpretações figuradas ou construídas da “natureza” e do “meio ambiente”. [...] Confrontar a aglomeração vasta, complexa e multifacetada das crises ecológicas com os instrumentos aparentemente frágeis da análise da cultura deve ser visto pelos ecocríticos como uma necessidade moral e política, muito embora os problemas pareçam perpetuamente apequenar as soluções. (GARRARD, 2006, p. 29)



Nesse caso, o contato cultural, social e político que Bibiana teve além das cercas da fazenda catapultou a tomada de consciência dela a respeito das questões da terra e das pessoas que faziam parte desse cenário.

### 3.2 ECOFEMINISMO

Paralelamente, na segunda parte do livro, ainda na infância, a personagem Belonísia cresce embrenhando-se nas matas, correndo em meio à caatinga e afeiçoando-se pelo ambiente que a rodeava, aprendendo a cuidar e a respeitar cada elemento que estava à sua volta, como podemos destacar no trecho:

Com Zeca Chapéu Grande me embrenhava pela mata nos caminhos de ida e volta, e aprendia sobre as ervas e raízes. Aprendia sobre as nuvens, quando haveria ou não chuva, sobre as mudanças secretas que o céu e a terra viviam. Aprendia que tudo estava em movimento - bem diferente das coisas sem vida que a professora mostrava em suas aulas. Meu pai olhava para mim e dizia “O vento não sopra, ele é a própria viração”, e tudo aquilo fazia sentido. “Se o ar não se movimenta, não tem vento, se a gente não se movimenta, não tem vida”, ele tentava me ensinar. Atento ao som dos animais, dos insetos, das plantas, alumbrava meu horizonte quando me fazia sentir no corpo as lições que a natureza havia lhe dado. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99).

Podemos perceber que o texto se trata de uma relação íntima estabelecida com a natureza e com tradições que perpassam qualquer conhecimento que possa haver nos livros. O manejo com o solo é passado de pai para filha, assim como um dia foi passado de Donana – avó de Bibiana e Belonísia – para Zeca Chapéu Grande, em uma sinuosa e respeitosa proximidade com a terra, colocando-a no eixo central de toda forma de vida que se manifesta naquele ambiente:

Meu pai não tinha letra, nem matemática, mas conhecia as fases da lua. Sabia que na lua cheia se planta quase tudo; que mandioca, banana e frutas gostam de plantio na lua nova; que na lua minguante não se planta nada, só se faz capina e coivara. Sabia que para um pé crescer forte tinha que se fazer limpeza todos os dias, para que não surgisse praga. Precisava apurar ao redor do caule de qualquer planta, fazendo montículos de terra. Precisava aguardar da mesma forma, para que crescesse forte. Meu pai, quando encontrava um problema na roça, se deitava sobre a terra com o ouvido voltado para seu interior para decidir o que usar, o que fazer, onde avançar, onde recuar. Como um médico à procura do coração. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99-100).

O trecho acima remonta, então, um distanciamento ao pensamento colonialista exploratório sob o qual o Brasil foi erguido, em que a terra era um objeto de exploração sempre a dispor do homem, pois dela foi e são retirados todos os recursos naturais possíveis: minerais, árvores, plantas e os animais na caça predatória em prol da ganância do homem de dominar e demarcar tudo o que é tangível.

Outrossim, Belonísia é constituída de uma forma diferente de Bibiana devido à ausência de sua língua que a impossibilitava de se comunicar verbalmente com o mundo. Por outro lado, a personagem

nunca assumiu um lugar de vítima de fato, pelo contrário: manifestava seus desejos e vontades, assim como qualquer criança e jovem em desenvolvimento. Diferentemente da sua irmã, não estava interessada em coisas que podiam ser achadas em livros ou ensinadas na escola, haja vista que seu empenho estava na vida que se apresentava diante dos seus olhos e em tudo o que podia tocar, regar, aprender e cultivar. Como observamos abaixo:

Diferentemente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite de despolpar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura de índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 97).

Dessa forma, Belonísia logo abandonou a escola, seu desinteresse aumentava à medida em que sentia falta da irmã ao seu lado logo após sua partida, visto que não lá mais estava para a ajudar nos estudos e a traduzir para o mundo. E assim, sua introspecção a aproximou da terra, como se ao longo dos anos tivessem se tornado amigas íntimas. Por esse motivo, a segunda parte da obra de Vieira Junior é a que expressa uma narrativa mais poética e intimista. Acompanhamos, enquanto leitores, uma visão diferente dos fatos, agora contados pela perspectiva da menina que sofreu um acidente, até virar uma mulher forte, de sabedoria ancestral e sensível às coisas que envolvem a natureza:

Vivendo entre as mulheres jovens da fazenda, era como se sua sina de ser mãe estivesse também sendo traçada. Mas, como a chuva, esse desejo foi abandonando seu corpo sem explicação aparente. E, depois dessa experiência, a cada vez que se entregava à sementeira conseguia sentir a natureza vibrando, como no passado. Quando estava sozinha e sabia que não a observariam com estranheza pelo seu ato, deitava no chão, como viu seu pai fazer inúmeras vezes. Tentava escutar os sons mais íntimos, dos lugares mais recônditos do interior da terra, para livrar o plantio da praga, para reparar as dificuldades e ajudar na colheita. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 254).

A terra era para ela como uma espécie de espelho, sem grau de valor maior ou menor. E por esse motivo, não tirava o que não podia repor, curava a terra das doenças como se curasse também a si mesma e partilhava do profundo sentimento de respeito por cada flor, pedra, árvore e semente que estivesse ao seu alcance.

Seguidamente, ao deixar a casa de seus pais e juntar-se com Tobias, trabalhador da fazenda, Belonísia experimenta de uma vida que até então era desconhecida. Agora, assumindo uma nova função de dona da casa, precisava arcar com responsabilidades que lhes eram exigidas e de pouco em pouco foi tirando a sua liberdade de ser.

Tangente a isso, introduzimos a noção de postura ecofeminista citada por Garrard (2006), que é uma abordagem representativa no campo dos estudos literários ecocríticos. Ao pensarmos no dualismo antropocêntrico humanidade/natureza, também temos que pensar no dualismo

homem/mulher e observar como esses tropos se encontram. Nas suas considerações a respeito do ecofeminismo, Garrard (2006, p. 42 apud Davion, 1994) afirma que "as mulheres têm sido associadas à natureza, ao material, ao emocional e ao particular, enquanto os homens são associados à cultura, ao imaterial, ao racional e ao abstrato". Dessa maneira, poderíamos pensar em uma conjectura em que a mulher e a natureza são postas em uma posição hierárquica inferior ao homem em detrimento da razão. Essa razão, imposta pela supremacia masculina, seria a causa da lógica da dominação e da discriminação que podemos ver pelo olhar da literatura, haja vista que em determinado momento, na narrativa, Belonísia encontra-se em uma situação de objetificação e violência doméstica pelo personagem Tobias:

Temi por um momento que reclamasse por ter mexido em suas coisas, por ter tentado arrumar a bagunça, ainda que não tivesse conseguido fazer tudo naquelas horas que permaneci sozinha. Mas a diferença era clara. Ele olhava os cantos, a cama arrumada, o rasgo no colchão de palha de milho costurado – com linha e agulha que trouxe em minha trouxa –, a mesa limpa, as moscas que voavam mais distantes, a comida que fumegava no fogão. Não agradeceu, era um homem, por que deveria agradecer foi o que se passou pela minha cabeça, mas conseguia ver em seus olhos a satisfação de quem tinha feito um excelente negócio ao trazer uma mulher para a sua tapera. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 113).

A partir desse relato, Belonísia passou a viver situações de agressividade por parte de seu companheiro, a quem procurava servir impecavelmente para que não fosse agredida, como mostra o seguinte trecho:

A coisa ficou tão ruim que eu me antecipava, nem esperava ele pedir, já dava tudo em suas mãos: cinto, sapato, chapéu, gibão, facão, só para não o ouvir chamando ‘mulher’. Me sentia uma coisa comprada, que diabo esse homem tem que me chamar de mulher, minha cabeça agitada gritava. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 116, grifo do autor).

Entre diversas partes da narrativa, percebemos que Belonísia torna-se cada vez mais apreensiva à medida em que os episódios de violência doméstica vão aumentando. Simbolicamente e estrategicamente, o autor nos leva a refletir sobre os papéis de subserviência que se interligam na entidade mulher-natureza, posto que as duas figuras são simultaneamente exploradas na obra, ora pelo homem que quer extrair todos os recursos possíveis da terra, ora pelo homem que quer apenas satisfazer seus desejos e ser servido pela mulher, como aponta as críticas proferidas pela cosmovisão ecofeminista.

Ele continuou com os insultos, mas deixei meu coração aquietar. Trabalhar a terra tinha desses sentimentos bons de amansar o peito, de serenar os pensamentos ruins que me cercavam. Pensava em tudo que estava distante, menos em Tobias descontrolado a poucos metros, na tapera que chamava de casa. (VIEIRA JUNIOR, 2019. 121).

Pontuamos, então, a consideração de Glotfley (1996) quando afirma que a Ecocrítica examina a construção simbólica entre as espécies, mapeando a dicotomia do pensamento ocidental que separa as mulheres dos homens e a humanidade do ambiente. A natureza, então, era o instrumento de catarse e escapismo para Belonísia.

### 3.3 ECOLOGIA PROFUNDA E A HABITAÇÃO NA TERRA

Por fim, a terceira parte da obra, *Rio de Sangue*, é tecida por uma narradora que transcende o espaço físico no qual os outros personagens estão inseridos, pois trata-se da figura de uma encantada, uma entidade do Jarê que compartilha agora a sua visão perante aos eventos ocorridos.

A sua primeira aparição, contudo, acontece no início da obra, e é narrada por Bibiana. Santa Rita Pescadeira aparece em um momento de fragilidade para os moradores da fazenda de Água Negra, quando a seca e a fome assolavam a região e os trabalhadores intercediam aos encantados para trazerem fertilidade novamente à terra. A entidade é recebida pelo corpo de Miúda, uma viúva que frequentava as brincadeiras de Jarê na casa de Zeca Chapéu Grande e sua família e, a priori, sua veracidade é questionada pelas pessoas que estão à sua volta. Santa Rita Pescadeira, então, começa a entoar cantigas de pescas: "[...] cadê meu anzol? Cadê meu anzol? Que fui pescar no mar?" (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 80), além de declarar profecias sobre o futuro de Bibiana.

É interessante analisarmos, dessa forma, a representação que essa nova narradora possui dentro da obra, assim como a sua conexão com os aspectos naturais presentes, sobretudo porque trata-se de uma figura que não é constituída de carne e osso, como os outros, mas como um espírito ancestral que vaga pela natureza e por isso está em muitos lugares ao mesmo tempo, possuindo uma percepção mais aguçada da realidade. Santa Rita Pescadeira, é, portanto, uma peça fundamental inserida por Vieira Júnior para submergir o leitor em tempo e espaço que não poderiam ser descobertos pelo olho humano. A personagem denuncia as práticas de exploração não só dos trabalhadores, mas também da terra, provenientes principalmente da extração do mineral precioso que foi característico da região onde se passa a narrativa, como vemos no trecho apontado:

O diamante se tornou um enorme feitiço, maldito, porque tudo que é bonito carrega em si uma maldição. Vi homens fazerem pratos de sangue, cortando sua carne com os punhais afiados, marcando suas mãos, suas frentes, suas casas, seus objetos de trabalho, suas peneiras de cascalhos e bateias. Vi homens enlouquecerem sem dormir, varando noite e dia no rio Serrano, nas serras, nos garimpos, entocados na escuridão da noite para ver o brilho mudar de lugar. [...] Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. (VIEIRA JUNIOR, 2019. p. 203).

Concomitantemente, para Garrard, em sua abordagem pós-moderna, a Ecocrítica está estritamente associada à justiça ambiental, interligada à consciência de problemas ambientais por meio

de insights ecológicos artísticos, culturais e científicos. Dessa maneira, destacamos outra postura proferida por Garrard (2006) em seus estudos: a ecologia profunda. O autor define a postura como: o bem-estar e a prosperidade da vida humana e também não humana como tendo valor em si mesmos, esses mesmos valores são independentes entre si. Ou seja, a natureza, nesse caso, não tem uma serventia instrumentada pela ação humana, existindo para estar ao seu dispor:

A ecologia profunda interessa-se por incentivar uma atitude igualitária, por parte dos seres humanos, não apenas para com todos os membros da ecosfera, mas até para com todas as entidades ou formas identificáveis na ecosfera. Assim, essa postura pretende estender-se, por exemplo, a entidades (ou formas) como rios, paisagens e até espécies e sistemas sociais, considerados por eles mesmos. (SESSIONS, 1995, apud GARRARD, 2006, p. 39).

Nota-se que nessa perspectiva, o ambiente e os seus elementos constitutivos possuem o seu valor intrínseco além das necessidades do homem, distanciando-se das heranças colonialistas que usurpam os recursos naturais cada vez mais. Nesse caso, há uma relação do homem com a natureza estabelecida de forma sustentável, aproximando-se dos preceitos igualitários da ecologia profunda. Por outro lado, em diversos trechos da obra, como a citação pela visão de Santa Rita Pescadeira acima, podemos observar as problemáticas advindas das práticas exploratórias desenfreadas pela corrida do diamante na vida dos trabalhadores e dos próprios donos das fazendas.

Logo, observamos que a terceira parte da narrativa encarrega-se de denunciar a ação degradante do homem e desenvolver exatamente essa justiça ambiental pensada por Garrard (2006) quando temos uma visão panorâmica das tragédias que acometem não só os seres humanos, como todo o ecossistema envolta, causando uma crise na história das espécies. Sendo assim, caminhando para o desfecho da narrativa, tomada por um sentimento de indignação, a encantada traça um plano para dar finalmente ao seu povo e à sua terra um novo fôlego de vida.

Para Rodrigues (2009), a literatura amplia inúmeras possibilidades de aprendizagem, compreendendo e aprimorando a formação do sujeito, diante da interação e contato com o livro. Dessa forma, assumimos que o autor conclui a sua obra deixando ao leitor uma herança literária que abrange diversos aspectos a serem estudados e analisados, sobretudo, no ensino da literatura. Isso porque, ao se deparar com as inúmeras temáticas, abordagens e vivências no romance, ampliamos o nosso conhecimento de mundo e conseguimos ter dimensão de uma realidade pós-colonial que se permeia até os dias de hoje. Para a Base Nacional Comum Curricular, essa competência adquirida é imprescindível:

No Ensino Médio, devem ser introduzidas para fruição e conhecimento, ao lado da literatura africana, afro-brasileira, indígena e da literatura contemporânea, obras da tradição literária brasileira e de língua portuguesa, de um modo mais sistematizado, em que sejam aprofundadas as relações com os períodos históricos, artísticos e culturais (BRASIL, 2018, p. 523).

Além disso, Torto Arado possibilita que a natureza seja posta em evidência e portanto, se podemos refletir sobre diferentes tipos de exploração que a terra sofre, podemos também pensar nas possibilidades de preservação, diminuição de danos e principalmente na formação de indivíduos que criem laços de mais respeito e responsabilidade com o ambiente que os cerca. Esse pensamento correlaciona-se com um dos tropos da ecocrítica, chamado Habitação da Terra, que é definido por esse estado de dever constante e comprometimento perpétuo, ou seja, “não é um estado transitório; ao contrário, implica a imbricação a longo prazo dos seres humanos numa paisagem de memória, ancestralidade e morte, de ritual, vida e trabalho” (GARRARD, 2006, p.154).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos resultados da presente pesquisa, consideramos contribuir de maneira efetiva para a categoria de análise literária, mais especificamente no que diz respeito à análise da relação entre a literatura e a ecologia, na perspectiva de Garrard (2006), aplicada ao romance Torto Arado, de Itamar Vieira Junior (2019). Assim, comprovamos o elo existente entre teoria e obra, uma vez que a relação do meio ambiente com as personagens da narrativa mencionada apresentou características pertinentes para o desenvolvimento do estudo. Dessa forma, buscamos analisar os aspectos ecocríticos dentro da obra de Vieira Junior e observarmos como a natureza é trabalhada em seu romance e como a contextualização dos tropos da ecocrítica, como a pastoral, o ecofeminismo e a Habitação na Terra estão presentes no romance analisado. Segundo Garrard (2006, p. 9), “A natureza só é valorizada em termos de utilidade para nós”, com isso, a invasão, a exploração, a poluição e conseqüentemente a destruição do espaço natural tornam-se frequentes no contexto da obra.

Finalmente, ampliamos uma discussão acerca de uma literatura que tem pensado sobre os impactos ambientais e que provoca o leitor a pensar sobre o tipo de vínculo que ele tem estabelecido com a natureza e as discussões para as possíveis mudanças, assim como abrange obras literárias de autores contemporâneos, contribuindo para a formação mais ampla do profissional de Letras. Nessa linha, de acordo com Barthes (1980, p. 16), se todas as disciplinas fossem expulsas do ensino, uma deveria continuar, “[...] é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”. Visto o caráter humanizador possibilitado pela literatura, que, segundo Candido (2011, p. 182), “[...] desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. Aula. Tradução e Posfácio de L. Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.
- CANDIDO, Antonio: O direito à Literatura. Vários Escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.
- CAPRA, F. Educação. In. TRIGUEIRO, A. (Coord). Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. p. 19-33.
- GARRARD, Greg. Ecocrítica. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.
- GIFFORD, Terry. A Ecocrítica na mira da crítica atual. Terceira Margem, Rio de Janeiro, n. 20, p. 244-226, jan./jul. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/11049/8065>. Acesso em: 14 fev. 2023
- FEITOSA, Carla Nathali Cavalcanti. SILVA, Josivaldo Custódio. Aspectos Ecológicos no poema Eu e Minha Campina, de Patativa do Assaré: numa abordagem ecocrítica. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 6, n. 4, p. 18517-18536, apr. 2020. Disponível: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/8645#:~:text=Esse%20poema%20C3%A9%20repleto%20de>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- HANAZAKI, Natalia et al. Introdução à Ecologia. 2. ed. e 1. reimp. – Florianópolis: Biologia/Ead/UFSC, 2013. Disponível em: <https://antigo.uab.ufsc.br/biologia/files/2020/08/Introdu%20C3%A7%C3%A3o-%20C3%A0-Ecologia.pdf>. Acesso em 20 mai 2024.
- OLIVEIRA, Lillian Mariana de Lima e ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. O Sentimento Nordestino e a Natureza: retocando as músicas de Luiz Gonzaga à luz da Ecocrítica. In. BORA, Zélia Monteiro, BORA, Sarita Monteiro e LOPES, Paulo Aldemir Delfino. As linguagens da natureza e suas representações. Anais – I Congresso Nacional de Literatura e Ecocrítica. João Pessoa: UFPB, 2012. p. 428-441.
- RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. Cultura, arte e contação de histórias. Goiânia, 2009.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto arado. São Paulo: Todavia, 2019.